

**Tamires Souza** - *O que ainda precisa evoluir nas escolas brasileiras para garantia do direito a educação de qualidade?*

**Moacir Gadotti** - No Fórum Mundial de Educação (FME) realizado em janeiro de 2006, em Nairobi (Quênia) foi aprovada a *Plataforma Mundial de Educação* na qual se defende o direito à uma educação emancipadora. O FME não defende só o direito à educação, mas o direito a uma educação emancipadora, com qualidade social e não só científica. Precisamos resistir a uma educação domesticadora, colonizadora, que Paulo Freire chamava de “educação bancária” (neoliberal, capitalista) e instituir a educação de que as pessoas realmente precisam para viver melhor. Fala-se muito hoje no investimento em infraestrutura, em planos de aceleração do crescimento. Ora, o grande investimento que o país deve fazer é nas pessoas. Elas é que são a grande infraestrutura de que o país precisa. No FME de Canoas estaremos discutindo justamente o direito à educação necessária para construir esse outro mundo possível, onde todos e todas possam ter uma vida sustentável. É no território da cidade que construímos nossas identidades e subjetividades. O território das cidades é também o território da diversidade, de múltiplos discursos. Nesse contexto, a escola tem um papel importante: analisar criticamente esses discursos, ensinar a pensar, saber distinguir o que é passageiro do que é permanente. A escola não deve viver do imediatismo da notícia “ao vivo”, do presentismo. A escola deve ocupar-se do que é “clássico”, da “tradição”, do que é duradouro. Vamos deixar para a mídia que quiser ocupar-se do que é factual, presente, passageiro.

**Tamires Souza** - *Para o professor quais são os desafios?*

**Moacir Gadotti** - Neste Fórum vamos discutir “Pedagogia, região metropolitana e periferias”. Canoas fica em uma região metropolitana, como toda cidade mais próxima de grandes metrópoles e enfrenta os mesmos desafios das grandes metrópoles, com seus centros e periferias, com todas as contradições que as regiões mais empobrecidas das cidades conhecem muito bem. Um dos desafios a superar nas grandes metrópoles é justamente a segregação socioespacial que faz com que os bairros ricos tenham melhores escolas públicas do que os bairros pobres. A escola pública deve ser igual para todos. A marca da periferia é a precariedade de políticas públicas: falta água, esgoto, asfalto, transporte... Nada a ver com os condomínios de luxo que também, por outras razões, estão nos arredores das grandes metrópoles, para fugir de seus transtornos. É preciso entender que os direitos são interdependentes: o direito à educação não está isolado da conquista de outros direitos. Nesse contexto, creio que devemos também levar em conta os limites da educação, mesmo reconhecendo suas potencialidades, como sempre nos alertava Paulo Freire. Por isso ele dizia: “sou educador para ser substantivamente político”. A escola, em geral, não tem exercido o seu papel de organizadora da cultura. Na escola não se tem falado muito de política. Por que discutir política na escola? Para formar crianças, jovens e adultos para a democracia, para a cidadania, para que defendam acima de seus interesses individualistas, o interesse público, o interesse dos mais injustiçados, mostrando que é possível, urgente e necessário mudar a ordem das coisas. Uma educação emancipadora pode elevar nosso grau de civilização.

**Tamires Souza** - *O senhor menciona em seus trabalhos que a escola não deve ser um espaço fechado. Como deve ser esta interação com o mundo?*

**Moacir Gadotti** - Ao pensar o espaço urbano o FME de Canoas está pensando a educação para além da sala de aula, pensando a educação no contexto dos novos espaços metropolitanos, das periferias. A cidade, por suas práticas culturais, é também educadora. E a escola, sobretudo quando ela pratica a integralidade como princípio educativo, passa a integrar no seu currículo a cidade e exerce uma pedagogia da cidade. É claro que não devemos opor cidade/campo ou escola/cidade. O que devemos fazer é unir as lutas do campo com as lutas das cidades. A cidade como território ampliado da escola pode ressignificar a própria escola. A transformação dos sujeitos não se dá independentemente da transformação do ambiente onde vivem. Esse pode ser o maior desafio de uma educação integral hoje. Ela implica uma nova compreensão do papel da educação: utilizar seu potencial agregador das comunidades para a emancipação do território. A descolonização das mentes operando a descolonização territorial, formando para a cidadania plena no sentido de apropriação de um lugar. Mas, para integrar realmente as periferias das grandes metrópoles seria necessário romper com o modelo de desenvolvimento econômico que produz a exclusão e afasta para longe os mais empobrecidos. Sem salário, com o preço que está a terra urbana, para onde vai o trabalhador que não consegue custear sua moradia e nem pode pagar aluguel? Isso representa certa de 60% da população brasileira.